

Lucas 15:11-32

Redefinindo o pecado

“Todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço”

Dois caminhos para encontrar a felicidade

Jesus usa o filho mais novo e mais velho para retratar os dois caminhos básicos pelos quais as pessoas tentam encontrar a felicidade e a realização: o caminho da conformidade moral e o caminho do autoconhecimento.

Cada um deles funciona como uma lente que colore o modo como enxergamos a vida, ou como um paradigma que molda a compreensão que temos das coisas.

Ambos são maneiras que usamos para encontrar nosso valor e nosso significado, para lidar com os males do mundo e para separar o certo do errado.

O filho mais velho da parábola ilustra o caminho da conformidade moral.

Os fariseus dos tempos de Jesus acreditavam que, como eram um povo escolhido por Deus, apenas conseguiriam manter sua posição de abençoados e receber a salvação final por meio da literal obediência à Bíblia.

Há inúmeras variedades desse paradigma, mas todas essas variedades acreditam na priorização da vontade de Deus e das normas da comunidade à frente da realização pessoal.

Segundo esse ponto de vista, só conseguimos ser bem-sucedidos na felicidade, e o mundo conseguirá ser feito correto por meio da retidão moral.

É claro que existirão falhas, mas quando elas acontecerem, seremos julgados pela degradação e pela intensidade do arrependimento.

Conforme esse raciocínio, mesmo ao falhar devemos tentar manter a dignidade.

Já o filho mais novo da parábola ilustra o caminho do autoconhecimento.

Nas antigas culturas patriarcais, alguns optavam por tal caminho, porém, hoje em dia, um número muito maior o segue.

Esse paradigma sustenta que as pessoas devem ser livres para perseguir seus próprios conhecimentos e para buscar a autorrealização, independentemente dos costumes e das convenções. Segundo esse ponto de vista, o mundo seria um lugar muito melhor se a tradição, o preconceito, a autoridade hierárquica e outras barreiras à liberdade pessoal fossem diminuídas ou removidas.

Os dois estilos de vida (e o inevitável conflito entre ambos) são vividamente retratados no clássico filme *A testemunha*.

No filme, a jovem amish Rachel se apaixona pelo policial John Book, decididamente não amish. Eli, o sogro da moça, avisa que ela está fazendo algo proibido e que os irmãos mais velhos da comunidade poderiam puni-la. Ele ainda diz que ela está agindo como uma criança. “Pois eu irei julgar os fatos”, ela replica. “Não, eles os irão julgar. E eu também... se você me envergonhar”, diz ele, firme como um profeta.

“Você envergonha a si mesmo”, devolve Rachel, tremendo, porém orgulhosa, dando as costas para ele. Aqui temos um retrato conciso de ambos os caminhos.

A personagem que opta pelo caminho da conformidade moral diz: “Não farei aquilo que desejo, mas o que a tradição e a comunidade desejam que eu faça.”

A personagem que escolhe o caminho do autoconhecimento diz: “Sou a única pessoa que pode decidir o que é certo e o que é errado para mim.

Vou viver como bem desejar e encontrar meu verdadeiro eu e a verdadeira felicidade por meio deste caminho.”

Nossa sociedade ocidental é tão profundamente dividida entre essas duas abordagens que quase ninguém pode imaginar outro estilo de vida.

Quando você critica ou se distancia de uma pessoa, todos ao redor assumem que você optou por seguir o outro caminho, porque essas duas vertentes tendem a dividir o mundo inteiro em dois grupos básicos.

Dizem os conformistas morais: “As pessoas imorais — aquelas que “fazem do seu jeito” — são o problema do mundo, e as pessoas moralistas são a solução”.

Já os advogados do autoconhecimento replicam: “As pessoas fanáticas e de mente fechada — aquelas que se dizem “donas da Verdade” — são o problema do mundo, e as pessoas progressistas e de mente aberta são a solução”.

Mas o que ambos os lados dizem é: nossa maneira é o caminho para colocar o mundo nos eixos e, se você não está ao nosso lado, então está contra nós.

Devemos então concluir que todo mundo se encaixa em uma dessas duas categorias? Sim e não. Um número elevado de pessoas demonstra um temperamento que os predispõe a escolher uma vida de conformidade moral ou uma vida de autoconhecimento.

No entanto, alguns alternam entre uma e outra corrente, tentando primeiro um dos caminhos e depois mudando de estratégia em diversos momentos da vida.

Muitos já experimentaram o paradigma da conformidade moral, mas perceberam que isso acabava os oprimindo e, depois de uma mudança dramática, acabaram optando por uma vida de autoconhecimento.

Outros fizeram o caminho exatamente oposto. No entanto, há pessoas que podem sensatamente dizer que combinam ambas as abordagens sob o teto de uma única personalidade. Há alguns irmãos mais velhos, de aparência bastante tradicional, que mantêm como válvula de escape uma vida secreta em que impera o comportamento de irmão mais novo. Algumas operações policiais que visam a captura de predadores sexuais de adolescentes na internet com frequência resultam na prisão de pessoas altamente religiosas, incluindo aí muitos membros do clero.

Porém, há também muitas pessoas bastante liberais e irreligiosas que desprezam os indivíduos religiosos e conservadores com todo o farisaísmo e a arrogância dos piores fariseus.

Apesar de todas essas variações, são apenas duas as abordagens primárias de vida.

A mensagem da parábola de Jesus é que ambas as abordagens estão erradas.

A parábola ilustra a alternativa radical.

Dois filhos perdidos

No primeiro ato, na pessoa do filho mais novo, Jesus nos dá um retrato do pecado que qualquer pessoa seria capaz de identificar.

O jovem rapaz humilha sua família e vive uma vida consumista e dissoluta. Ele fica totalmente descontrolado. Acaba alienado do pai, que representa Deus na história. Qualquer ouvinte da parábola concordaria que uma pessoa com tais modos de vida acabaria afastado de Deus.

No segundo ato, no entanto, o foco recai sobre o filho mais velho. Ele é meticulosamente obediente ao pai e, portanto, por analogia, aos mandamentos de Deus. Ele se mostra completamente sob controle e é bastante disciplinado.

Assim, temos os dois filhos, um deles sendo o “mau”, pelos padrões convencionais, e o outro sendo o “bom”, ainda que ambos estejam alienados em relação ao pai.

O pai tem de sair e convidar a ambos para que participem do banquete de seu amor. Portanto, não há apenas um filho perdido na parábola — mas dois.

Não obstante, o segundo ato é concluído de forma inimaginável; Jesus, o contador de histórias, deliberadamente deixa o filho mais velho em seu estado de alienação.

O filho mau participa do banquete do pai, mas o filho bom não o acompanha.

O amante das meretrizes é salvo, mas o homem da retidão moral continua perdido. Quase é possível ouvir alguns fariseus ofegando ao ver findada a história.

Era o completo oposto de tudo o que já lhes havia sido ensinado.

Mas Jesus não para simplesmente por aí. As coisas ficam ainda mais surpreendentes.

Por que o filho mais velho decide não participar? Ele mesmo explica o motivo: “Nunca desobedei às tuas ordens.” O filho mais velho não perde o amor do pai apesar de sua bondade, mas por causa dela. Não são os pecados que criam a barreira entre ele e o pai, mas o orgulho que sente de seu histórico moral; não são as transgressões, mas sua retidão que o impede de partilhar o banquete do pai.

Mas como isso pôde acontecer? A resposta é que o coração dos irmãos e os dois estilos de vida que ambos representam são muito mais parecidos do que podemos imaginar.

O que o filho mais novo mais queria na vida?

Ele muito se irritava por ter de compartilhar os recursos da família sob a supervisão do pai. Queria tomar suas próprias decisões e ter controle irrestrito sobre sua parte da riqueza. Como conseguiu? Ele o fez com um lance de extrema ousadia, um desafio flagrante contra as normas da comunidade, uma declaração de total independência.

O que o filho mais velho mais queria?

Quando refletimos sobre esse ponto, percebemos que ele desejava o mesmo que seu irmão. Ele se sentia tão melindroso em relação ao pai quanto seu irmão mais novo. Também desejava os bens do pai, e não o pai em si. No entanto, enquanto o filho mais novo parte para uma região distante, o filho mais velho ficou por perto e “nunca desobedeceu”. Pois foi esse o caminho que escolheu para tomar o controle. O pedido jamais pronunciado por ele era: “Jamais o desobedei! Agora você tem de fazer por minha vida as coisas do jeito que desejo que sejam feitas.”

Os corações de ambos os irmãos eram iguais.

Ambos os filhos se ressentiam pela autoridade do pai e buscavam maneiras de escapar dela. Ambos desejavam alcançar uma posição em que pudessem dizer ao pai o que fazer. Em outras palavras, ambos se rebelavam — ainda que um tenha feito isso ao ser muito mau, e o outro ao ser extremamente bom.

Ambos estão distantes do coração do pai; ambos são filhos perdidos.

Você consegue perceber, então, o que Jesus está ensinando? Nenhum dos filhos amava o pai de verdade. Ambos estavam usando o pai para seus próprios fins egoístas, em vez de amá-lo, em vez de desfrutar da companhia dele e em vez de servi-lo para seu próprio bem. Isso equivale a dizer que você pode se rebelar contra Deus e permanecer alienado em relação a ele tanto ao quebrar suas regras quanto ao obedecer a todas elas de forma diligente.

E uma mensagem surpreendente: a obediência zelosa à lei de Deus pode servir como meio de rebeldia contra Deus.

Uma compreensão mais profunda do pecado

Com essa parábola, Jesus nos apresenta a um conceito muito mais aprofundado de “pecado” ao qual jamais chegaríamos se ele não nos tivesse ensinado. A maioria das pessoas entende o pecado como o fracasso diante das regras de conduta ditadas por Deus, mas, além de não se resumir a tal definição, a compreensão de pecado apresentada por Jesus vai muito além. Uma afirmação dura:

Somos capazes de nos esquivar de Jesus como o Salvador ao observar todas as leis morais. Quando você segue tal caminho, entende que tem “direitos”.

Deus deve a você a resposta a suas orações, e uma boa vida, e um ingresso para o céu quando você morrer. Você não precisa de um Salvador que o perdoe por meio da livre graça, pois você é seu próprio Salvador.

Esta é claramente a mesma atitude do filho mais velho.

Por que ele fica tão irado com o pai? Ele sente que tem o direito de dizer ao pai como as roupas, o anel e os animais da família devem ser usados.

De modo semelhante, pessoas religiosas geralmente vivem de forma bastante regrada, mas o objetivo delas é conseguir influenciar Deus, controlá-lo, deixá-lo em uma posição onde pensam que ele será devedor.

Assim, apesar de toda a piedade e de toda a meticulosidade ética, essas pessoas estão, de fato, se rebelando contra a autoridade dele. Se, como o filho mais velho, você acredita que Deus tem de abençoá-lo e ajudá-lo porque você deu duro para obedecer a ele e para ser uma boa pessoa, então talvez Jesus possa lhe ajudar, talvez ele possa ser um exemplo, até mesmo uma inspiração, mas ele não é seu Salvador.

Você está sendo o seu próprio Salvador.

Por baixo da extrema diferença no comportamento dos irmãos estão a mesma motivação e o mesmo objetivo. Ambos usam o pai de maneiras distintas para alcançar aquilo que o coração realmente deseja. Era a riqueza, e não o amor ao pai, o que acreditavam que Ihes traria a felicidade e a realização.

No fim da história, o filho mais velho tem uma oportunidade de verdadeiramente agradar ao pai se participar do banquete. Mas sua recusa arrogante mostra que a felicidade do pai jamais fora seu real objetivo. Quando o pai readmite o filho mais novo, acarretando na redução da parte do filho mais velho na herança, o coração do mais velho se desnuda completamente. Ele faz todo o possível para magoar o pai e para resistir à vontade dele. Se, como o irmão mais velho, você busca controlar Deus por meio de sua obediência, então toda sua moralidade não passa de uma maneira de usar Deus para fazer com que ele lhe dê aquilo que você realmente deseja.

Um exemplo clássico dessa situação é a barganha que um jovem Salieri faz com Deus na peça Amadeus: “Senhor, faz de mim um grande compositor! Deixa-me celebrar tua glória através da música — e assim celebrar a mim mesmo! Faz-me famoso por todo o mundo, querido Deus! Torna-me imortal! Que pronunciem meu nome, depois de minha morte, por tudo que escrevi, para sempre! Em troca juro dar a ti minha castidade, minha diligência, minha mais profunda humildade, cada hora de minha vida. Também ajudarei a meus semelhantes em tudo que puder. Amém e amém!”

Ele passa a nortear sua vida segundo essa promessa a Deus. Mantém as mãos longe das mulheres, trabalha com afinco em suas músicas, ensina muitos outros músicos de graça e se dedica incansavelmente a ajudar os pobres. Sua carreira floresce e ele acredita que Deus está dando conta de sua parte na barganha.

Então, surge Mozart, com dons musicais muito superiores aos de Salieri.

A genialidade de Mozart obviamente havia sido concedida por Deus. Amadeus, o nome do meio de Mozart, significa “amado por Deus”; não obstante, ele é um “irmão mais novo”, vulgar e indulgente. O talento tão dispensado por Deus em Mozart precipita uma crise de fé no coração de irmão mais velho de Salieri. As palavras que ele utiliza são notavelmente próximas das usadas pelo filho mais velho na parábola:

“Era incompreensível... Lá estava eu, negando toda a luxúria que me era natural para merecer o dom de Deus, enquanto Mozart cedia a todos os desejos — mesmo noivo, prestes a se casar! — sem nenhuma repreensão!”

Por fim, Salieri diz a Deus: “De agora em diante somos inimigos, Você e Eu”. Depois, passa a trabalhar para destruir Mozart. Infelizmente, na peça Deus permanece quieto, ao contrário do pai na parábola de Jesus, que vai ao resgate do filho mais velho quando este começa a afundar no mesmo amargor, no ódio e no desespero que, no fim, engolem Salieri.

Os diligentes esforços de Salieri para ser casto e caridoso acabam se revelando profundamente egoístas. Deus e os pobres não passaram de meros instrumentos. Ele diz a si mesmo que estava sacrificando seu tempo e seu dinheiro para o bem dos pobres e de Deus, mas, na verdade, não havia sacrifício algum. Ele assim agia visando ao seu próprio bem, para obter fama, fortuna e para sua própria autoestima. “Eu gostava de mim mesmo”, diz Salieri, “...Até ele aparecer. Mozart”. Assim que percebe que a obediência a Deus e o cuidado dispensado aos pobres não lhe rendiam a glória que ele tanto desejava, seu coração se torna mortífero. Logo o respeitável e moralista Salieri se mostra capaz de realizar males maiores do que o vulgar e imoral Mozart.

Apesar de o Mozart de Amadeus não ser religioso, é o devoto Salieri quem acaba em um estado de alienação muito maior em relação a Deus, assim como na parábola de Jesus.

Tal mentalidade pode se fazer presente de formas mais sutis do que a apresentada na vida de Salieri.

Conheci uma mulher que trabalhou por muitos anos no ministério cristão. Quando uma doença crônica se abateu sobre ela na meia-idade, ela caiu em desespero.

Por fim percebeu que, no fundo de seu coração, sentia que Deus lhe “devia” uma vida melhor, depois de tudo o que havia feito por ele.

Essa suposição tornou sua recuperação extremamente difícil, ainda que tenha conseguido se reerguer.

A chave para a superação, no entanto, foi reconhecer a mentalidade de irmão mais velho que a dominava.

Os irmãos mais velhos obedecem a Deus apenas para atingir objetivos. Não obedecem a Deus para conseguir chegar ao próprio Deus — para a ele se assemelharem, para amá-lo, para conhecê-lo, e para nele se deleitarem. Do mesmo modo, pessoas moralistas e religiosas podem servir como seu próprio Senhor e Salvador, como acontece com os irmãos mais novos que dizem não acreditar em Deus e que decidem o que é certo e o que é errado por si sós.

Eis, portanto, a redefinição radical de Jesus sobre o que está errado conosco.

Quase todo mundo define o pecado como uma violação na lista de regras.

Jesus, no entanto, nos mostra que um homem que quase nunca violou a lista de maus comportamentos morais pode estar tão perdido espiritualmente quanto o mais devasso e imoral dos homens. Por quê? Porque o pecado consiste não apenas em quebrar as regras, mas também em se colocar no lugar de Deus, como Salvador, Senhor e Juiz (assim como fizeram os dois filhos na tentativa de se apropriar da autoridade do pai enquanto ele ainda estava vivo).

O jovem músico teria rebatido vigorosamente tais acusações se alguém lhe apontasse o modo como procedia. Sendo casto e caridoso, não estava fazendo a vontade de Deus em vez da própria, não estava honrando e se submetendo a Deus?

Ao tentar colocar Deus em uma posição de dívida e ao tentar controlá-lo por meio de suas boas obras, em vez de confiar na livre graça, ele agia como seu próprio Salvador. Ao se tornar perigosamente amargo em relação a Mozart, certo de que Deus estava sendo injusto, ele se colocava no lugar de Deus como Juiz.

Há duas maneiras de ser seu próprio Salvador e Senhor.

Uma delas é ao quebrar todas as leis morais e estabelecer seu próprio rumo e a outra é ao seguir todas as leis morais e ao ser muito, muito bom.

Ambos errados; ambos amados.

Jesus não divide o mundo entre os “mocinhos” morais e os “bandidos” imorais. Ele nos mostra que todas as pessoas se dedicam ao projeto da autossalvação, usando a Deus e aos outros para obter poder e controle para si mesmas. A única diferença reside no caminho escolhido. Apesar de os dois filhos estarem errados, no entanto o Pai se preocupa com ambos e os convida para partilharem de seu amor e de seu banquete. Isso significa que a mensagem de Jesus, que é “o evangelho”, representa uma espiritualidade completamente diferente. O evangelho de Jesus não é religião nem a falta dela, moralidade ou imoralidade, moralismo ou relativismo, conservadorismo ou liberalismo.

Nem é algo que se situe no meio de um espectro criado entre dois polos, é algo completamente diverso.

O evangelho se distingue dessas duas abordagens: segundo ele, todos estão errados, todos são amados e todos são convidados a reconhecer tal fato e a mudar.

Em contraste, os irmãos mais velhos dividem o mundo em dois: “As pessoas boas (como nós) estão dentro, e as pessoas ruins, que são o verdadeiro problema do mundo, estão fora.”

Os irmãos mais novos, ainda que absolutamente não acreditem em Deus, fazem o mesmo, dizendo: “Não, as pessoas tolerantes e de mente aberta é que estão dentro, enquanto os fanáticos de mente estreita, que são o verdadeiro problema do mundo, estão fora.” Mas Jesus diz: “O humilde está dentro e o orgulhoso está fora” (Lc 18:14). As pessoas que confessam não serem especialmente boas ou não terem a mente aberta se movem em direção a Deus, pois o prerequisite para receber a graça de Deus é reconhecer a falta dela. As pessoas que pensam estar muito bem, obrigado, se distanciam cada vez mais de Deus. “O Senhor (...) cuida do humilde, mas se distancia do orgulhoso” (Salmo 138:6).

Quando um jornal publicou a pergunta “O que está errado com o mundo?”, um pensador católico escreveu uma breve carta em resposta: “Queridos Senhores: Eu estou nele”. Esta é a atitude de alguém que compreendeu a mensagem de Jesus.

Apesar de ambos os filhos estarem errados e de ambos serem amados, a história não termina no mesmo tom para os dois. Por que Jesus constrói a história de forma que um filho seja salvo, restabeleça a relação com o pai, e o outro não? (Ao menos, não antes de a história terminar.) Pode ser que Jesus estivesse tentando dizer que, apesar de ambos os projetos de autossalvação estarem igualmente equivocados, eles não são igualmente perigosos. Uma das ironias da parábola, então, se revela. A separação do filho mais novo em relação ao pai era bastante óbvia. Ele deixou seu pai de forma literal, física e moral. Apesar de o filho mais velho ter permanecido em casa, ele na verdade estava mais distante e alienado do pai que seu irmão, uma vez que estava cego perante sua própria situação. Sem dúvida ele se sentiria muito ofendido pela sugestão de que estava se rebelando contra o amor e a autoridade do pai, ainda que de fato o estivesse realmente fazendo.

Porque o filho mais velho se revela mais cego para os acontecimentos, ser um fariseu com espírito de irmão mais velho é uma condição ainda mais espiritualmente desesperada. “Como ousa dizer isso?”, respondem as pessoas religiosas quando se sugere que o relacionamento com Deus não está tão correto.

“Estou na igreja sempre que as portas se abrem.”

Com efeito, Jesus responde: “Isso não importa.”

Ninguém jamais ensinou algo assim antes.